



O Governo quer o DF auto-suficiente em hortaliças



A produção de cenoura aumentou 338%, com 9.690 t

Brasília, um celeiro que ainda importa hortaliças

Quase a metade da área cultivável não é explorada economicamente

Brasília pode ser considerada um "celeiro" da área do cerrado brasileiro, que tem 180 milhões de hectares, dos quais 110 cultiváveis, compreendendo praticamente todo o Estado de Goiás, sul do Maranhão e Piauí, parte de Minas Gerais, Mato Grosso do Norte e do Sul e pequenas áreas de São Paulo, Rondônia e do Pará. Celeiro em sentido real, explica o agrônomo do Centro Nacional de Pesquisa de Hortalíça da Embrapa, Nozomu Makishima, porque tem potencial para produzir todos os alimentos básicos para seu consumo e ainda reúne as condições necessárias para a produção de sementes da melhor qualidade, para exportar para outras regiões.

Até 1980, no entanto, a mesa do brasiliense era farta em verduras e frutas, graças às importações de produtos de outros Estados e, por isso, a Secretaria de Agricultura entendeu a necessidade de incentivar a produção aqui, nas terras do Distrito Federal. Atualmente, a produção atinge cerca de 70% do consumo interno e, em paralelo, está se desenvolvendo, através dos órgãos difusores de técnicas agrícolas, uma nova mentalidade, na tentativa de conscientizar o produtor que é possível plantar hortaliças durante todo o ano. Para isso, as pesquisas se desenvolvem no sentido de buscar produtos resistentes às épocas de entressafra, quando certos produtos somem e o consumidor, não sabe como substituí-lo na mesa, obrigando assim, a importação de outros Estados.

O cerrado tem condições de temperatura e distribuição de chuvas favoráveis para o cultivo de hortaliças. A sua temperatura favorece a produção e a boa distribuição de chuvas, até mesmo em pouquíssima quantidade de abril a setembro, impede o ataque de pragas e doenças que proliferam nas épocas chuvosas. A possibilidade de ter uma safra livre de doenças, colhida em época de seca facilitando a própria colheita e a secagem da semente, dá possibilidade de produzir sementes e produtos da melhor qualidade. Essas condições do cerrado são concentradas principalmente na região de Goiás e do Distrito Federal. O cerrado nordestino, por exemplo, tem temperatura elevada e deficiência de água para irrigação.

PRODUTOS QUÍMICOS

As pesquisas são voltadas no sentido de criar variedades resistentes e descobrir maneiras mais corretas para o plantio e cuidados que se devem ter com a produção. Os chamados métodos culturais, época adequada do plantio e da adubação, vão sendo gradativamente levados ao homem do campo que vai modificando lentamente seus hábitos. Entretanto, essa nova consciência adquirida leva a uma produção que utilize menos quantidade de produtos tóxicos, tentando modificar a prática rotineira do agricultor que é comprar defensivos químicos e aplicar em larga escala sem qualquer orientação técnica.

Essa aplicação de produtos químicos é amplamente discutida entre os técnicos. Uma nova mentalidade vem se formando há alguns anos entre técnicos e agricultores adeptos da agricultura natural, onde não é permitido o uso de adubos e fertilizantes químicos. Makishima explica que há possibilidade de se produzir alimento desta forma, mas o volume de matéria orgânica que seria necessária para alimentar o solo é tão grande que tornaria a produção anti-econômica. Ou seja, teoricamente e tecnicamente, o agrônomo da Embrapa considera possível, tanto é, que se tem notícia de agricultores em São Paulo que falam em lucro com a chamada agricultura natural. Mas, para Makishima, isso só se tornou possível porque existe uma clientela pequena e es-

pecífica, que compra a domicílio essa produção, cuja promoção principal é o fato de não ter produtos químicos.

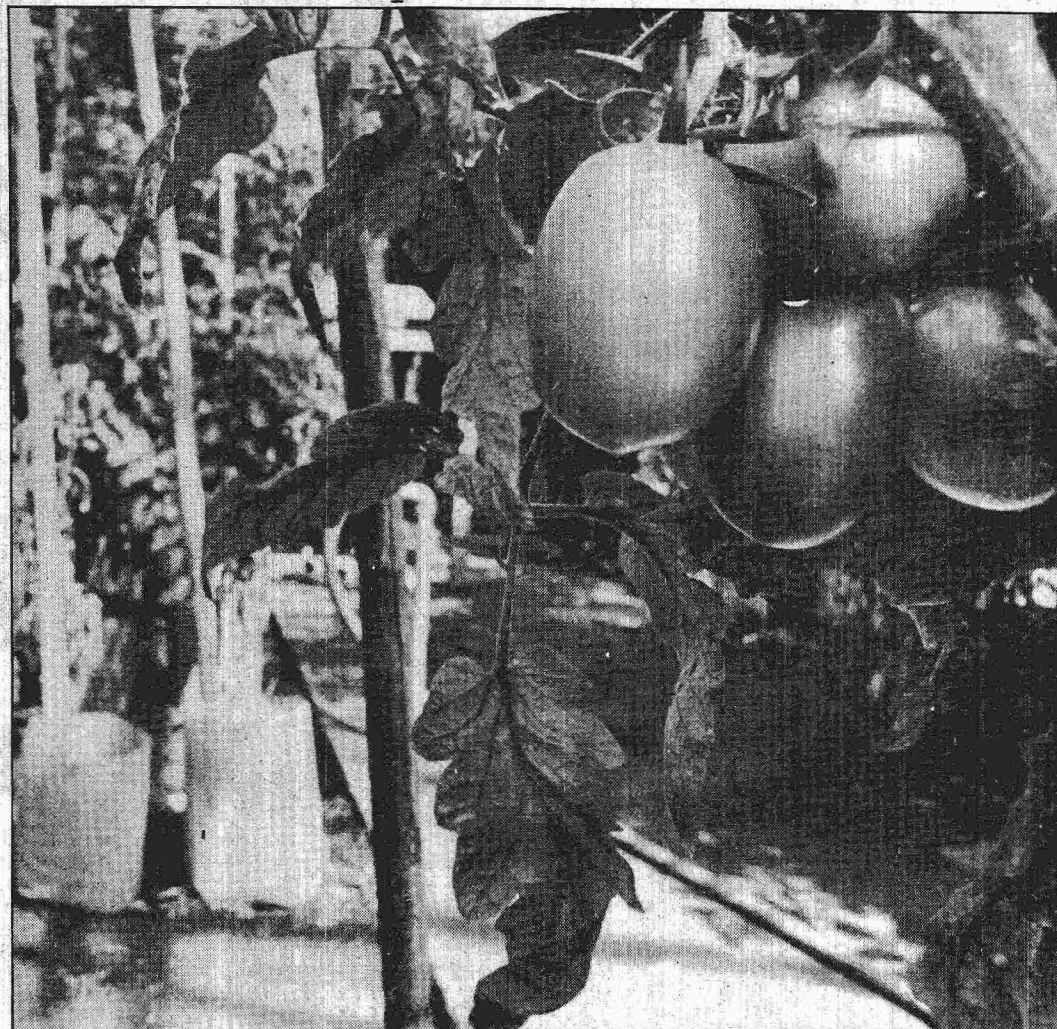
No entanto, diz o técnico, se esta produção fosse levada para a Ceasa ou qualquer outro posto de venda, as chances de saída seriam muito menores porque o consumidor brasileiro compra pela aparência, e esses produtos têm aspecto pior porque não são nutridos com eficiência. Entretanto na sua opinião o problema maior é que a produção não seria suficiente para todo o consumo. Uma planta necessita de 16 elementos químicos para estar bem nutrida. Quando não é feita a colheita, o fruto retorna ao solo, lhe devolvendo todos os elementos que retirou para crescer. No caso da produção para a colheita, o que fica na terra não é suficiente para devolver ao solo as suas propriedades e, por isso, na próxima safra, o solo não terá condições de fornecer a quantidade necessária para a planta.

O agrônomo defende a utilização dos produtos químicos de forma controlada. Esta mesma posição tem o agrônomo da Embrapa, Almeri da Silva Martins, que julga como sendo o maior problema a má utilização dos produtos. Segundo Martins, o agricultor muitas vezes faz um "coquetel químico" e aplica de uma só vez uma dosagem que deveria ser aplicada várias vezes.

E o agricultor, disseram os técnicos, quer ver rapidamente o resultado de sua cultura. Para o agricultor de hortaliças, é importante o retorno rápido de seu capital. Na maior parte dos casos, é o próprio agricultor e sua família que cultivam a terra e são pessoas com poucos recursos. Teoricamente o crédito é aberto para todos, mas esses agricultores não dispõem de recursos, para oferecer como garantias aos bancos.

O secretário de Agricultura do DF, Alceu Sanchez diz que isso é um jargão do produtor pois a terra arrendada serve como garantia e somente os invasores, que não têm qualquer título, não conseguem crédito. Sanchez chega a considerar o homem do campo como sendo um privilegiado. O governo, disse, faz o seu papel, estimulando e incentivando toda a infraestrutura necessária: armazenagem, transportes, 70% das propriedades são eletrificadas, postos médicos em 13 das 18 colônias agrícolas do DF, 74 escolas distribuídas em todas as colônias e escritórios de assistência técnica.

Ainda como vantagens, o secretário destaca o papel da Fundação Zoobotânica, que vende a preço de custo, os insumos agrícolas e fornece, a preços favorecidos, todo o trabalho de mecanização agrícola, dei-



O tomate é um dos principais produtos cultivados pelos agricultores locais

xando ao agricultor somente a necessidade de utilizar máquinas próprias para nivelar o solo e semear. Sanchez considera ainda como outro "jargão" do agricultor, as denúncias de que o atravessador atrapaalha o seu mercado, apesar de saber que este é um problema grave, principalmente para o produtor que trabalha com produtos perecíveis.

Nelson Hirakawa está em Brasília desde 1977 e dentro de sua propriedade nem todas as áreas são agricultáveis. Ele produz repolho, cenoura, tomate e batata e disse que a orientação dos técnicos é seguida, porém, sempre mistura a experiência dos agrônomos com a sua própria. Disse que as reivindicações mais importantes dos produtores locais, de Varzea Bonita, são com relação à má utilização da terra, onde "pessoas poderosas" usam a terra que deveria servir a agricultura para áreas de lazer, e o problema do atravessador. O agricultor vende seu produto barato e o consumidor paga caro pelo alimento. Então, quem está lucrando com a transação?

Em primeiro lugar, Hirakawa denuncia a quantidade de pessoas que tem licença para comercializar nos boxes da Ceasa e nem sequer são produtores. Esses atravessadores ca-

da vez que chega o agricultor com seu produto, estipulam um preço abaixo da tabela e oferecem ao produtor. No final do dia, o produtor ainda não conseguiu vender sua mercadoria, e como não pode voltar com seu produto, porque não tem onde armazená-lo, vê-se na obrigação de vendê-lo a qualquer preço. O problema da armazenagem é muito sério para este tipo de produtor. Porque o custo é alto já que são necessários refrigeradores potentes e, mesmo assim, a produção não aguenta muito tempo. A solução talvez fosse o incentivo da agroindústria, onde o produto em estado primário é transformado e daí pode ser armazenado com custos baixos e até mesmo exportado para o exterior.

O segundo problema é o espaço físico. Nelson disse que gostaria de ter mais terra para plantar. Com relação ao problema denunciado pelo produtor, Sanchez disse que basta analisar os dados de crescimento da produção para verificar que a terra vem sendo mais bem aproveitada. Argumentou ironicamente que a terra não aumenta de tamanho, logo a única razão para a produção aumentar é a sua melhor utilização. Como prova, citou que em 1978 a produção no DF era insuficiente para seu próprio consumo. Atualmente, disse, os lotes improdutivos são insignificantes dentro do quadro geral de terras distribuídas.

No início de Brasília, conta o secretário, o governo teve que oferecer uma série de vantagens para remover os funcionários para cá. Uma dessas vantagens foi a compra e o arrendamento de terra para área de lazer. Os loteamentos da Novacap eram regidos pelas resoluções 6 e 20 que não faziam exigências para que os proprietários produzissem em suas terras. A partir do Decreto 2.739 de 1977 e 4.802 de 1979, os arrendatários passaram a ter obrigações de apresentar um plano de utilização da terra.

Porém, disse o secretário, a lei não regrida em seus direitos e agora resta esperar terminar o arrendamento de terras nas áreas essencialmente agrícolas por pessoas desinteressadas em utilizar para este fim. Com os proprietários, Sanchez não pode mexer e eles ocupam cerca de 45% das áreas do DF. Um técnico da própria Secretaria disse acreditar que pelo menos dois loteamentos agrícolas foram

desvirtuados mas nem mesmo o próprio secretário teria força para remover os "figurões" civis e militares que se instalaram nas terras. Mesmo assim, o secretário disse que vai pressionando como pode, dificultando a vida do não produtor.

Para revolver o problema do atravessador, Hirakawa sugere que a fiscalização seja rigorosa nos boxes da Ceasa e o secretário propõe a compra antecipada da produção. Para o problema da terra, o produtor também quer maior fiscalização. No entanto as opiniões não batem. O secretário nega o problema, diz que está tudo sob controle e o agricultor afirma que muitas são as áreas de lazer em prejuízo da produção. Quem está com a razão? Da estrada, as informações do produtor podem ser conferidas. São chácaras com piscina e nenhuma produção. Mas a quem compete verificar se a área está dentro da legalidade, pertencendo ao quadro descrito pelo secretário como área fora da sua interferência? A fiscalização, é claro, e o produtor e os técnicos falam da sua ineficiência diante dos "poderosos".

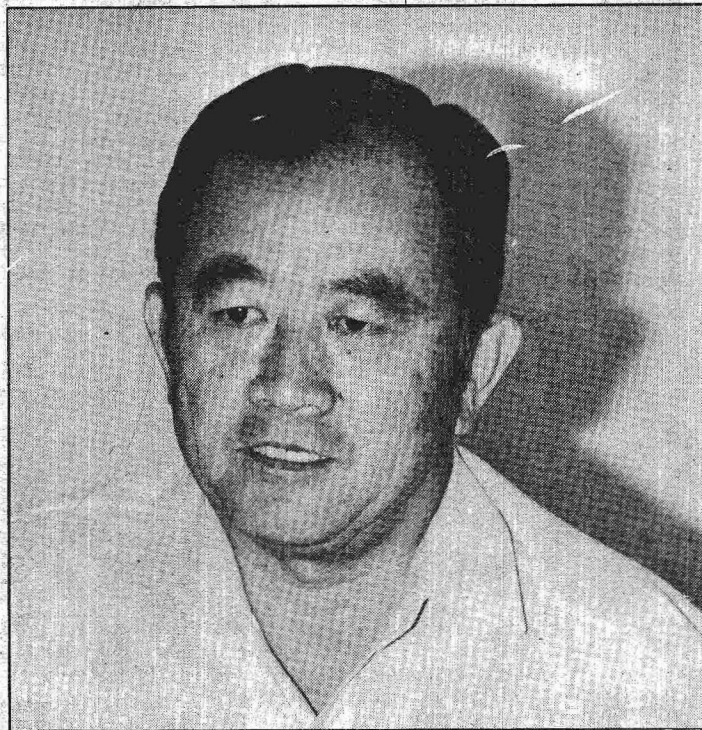
PRODUÇÃO

Os principais produtos da oleicultura do DF são: abóbora japonesa, abobrinha, alface, chuchu, couve-flor, jiló, pepino, pimentão, quiabo, repolho, tomate, vagem, alpin, alho, batata doce e inglesa, beterraba, cebola e cenoura. Na fruticultura destacam-se o abacate, a banana, a laranja péra, o limão tahiti, o mamão, a manga e a tangerina. Em quatro anos, de 1979 a 1983, as terras aradas foram ampliadas em 1.223 ha e a produção aumentou em 31.507 toneladas.

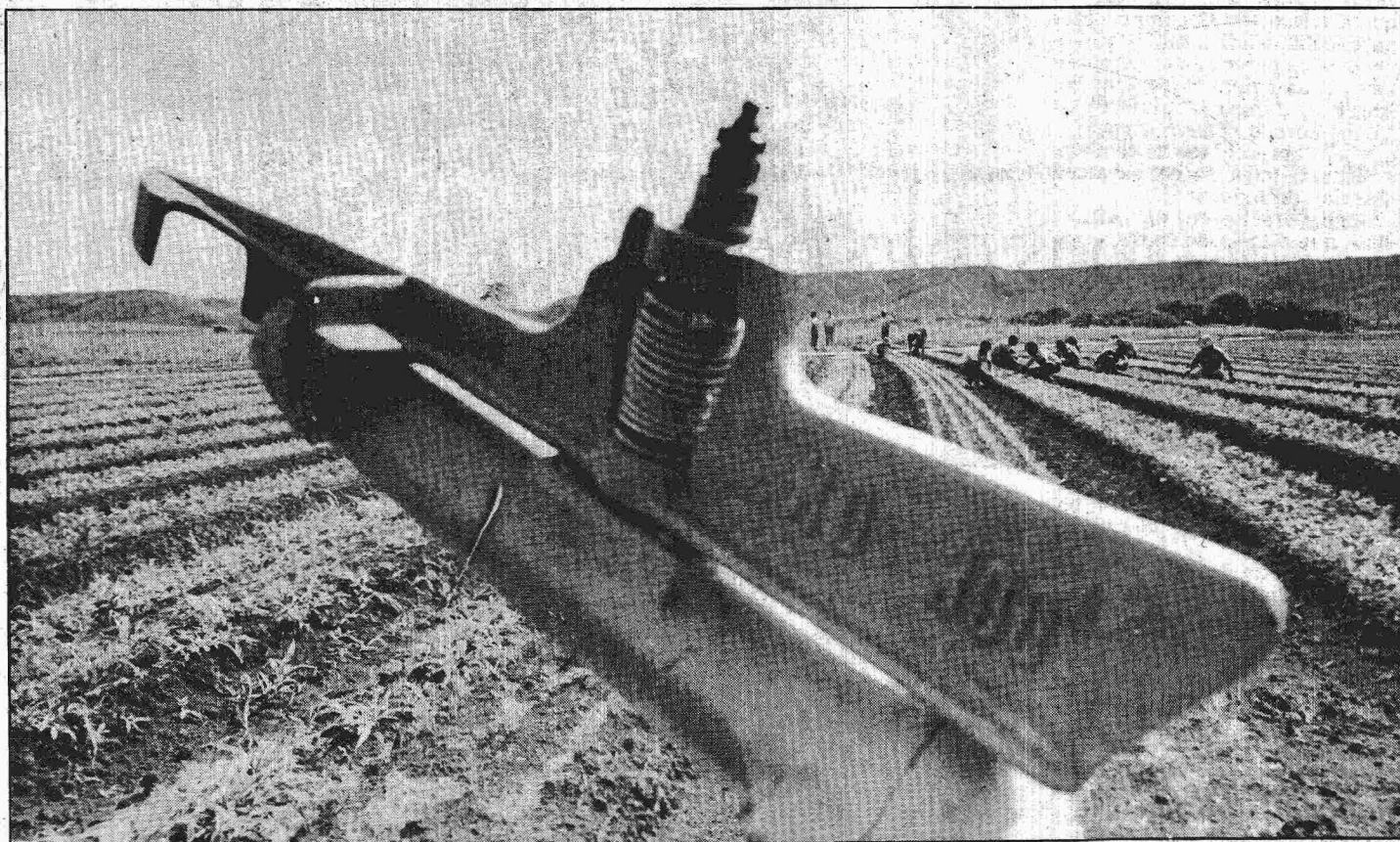
Setenta e quatro hectares a mais foram plantados de abóbora japonesa, a produção aumentou em 589 toneladas e o aumento percentual nesses quatro anos foi de 454,8%. Com a abobrinha, o acréscimo na área plantada foi de 31 ha, correspondentes a 628 t, a mais e a um aumento percentual de 172,5%. Um caso atípico apareceu na produção de alface, vagem e cebola que diminuiu sua área plantada. A alface diminuiu 11 ha, a produção baixou 196 t, com uma redução de 113,3%. A vagem diminuiu também 11 ha de área plantada, 124 t, representando uma queda de 119,8%. E a produção de cebola caiu em 17 toneladas, 126,5%.

Outros produtos que tiveram aumentos na sua produção bastante significativos e acima da média que girou em torno de 11 a 200%, foram o pimentão — 847 t, representando um aumento de 224,5% —, o quiabo — 186 t, 358,3% —, batata inglesa — 7.967 t, 366,6%, beterraba, 3.698 t, 311,6% —, cenoura, 9.690 t, 338,2%. Todas as frutas plantadas aumentaram a sua produção em percentuais diferentes que variaram entre 100 e 200%.

Para 1984, no entanto, não foi possível fazer o cálculo de expectativa de produção como ocorre com os grãos, porque apenas o tomate e a batatinha já foram semeados. A secretaria não sabe o que o produtor vai produzir. A única interferência do governo é com relação à distribuição de terras. Por exemplo, em locais mais próximos, as áreas são menores, induzindo o agricultor a dar uma utilização maior a sua terra e a pouca metragem reduz seu interesse pela produção de oleicultura. Para 1984, esperase que nos 550 ha de batatinha, dez a mais no ano passado, sejam produzidos 10.450 toneladas apresentando um rendimento de 19 mil quilos por hectare. E o tomate foi plantado em 210 ha, dois a mais do que no ano passado, vai produzir em torno de 11.472 t, com um rendimento de 54.630 quilos por hectares, o mesmo que o ano passado.



Makishima, da Embrapa, defende o adubo orgânico



As condições climáticas da região favorecem o cultivo de sementes, inclusive para a exportação